

Da esperança à desesperança: uma análise discursiva de uma reportagem do *Fantástico*

Lucas Alves Selhorst¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o processo discursivo em funcionamento em uma matéria do programa de TV *Fantástico*, e, desse modo, refletir sobre quais sentidos são produzidos/determinados, sobre o que está sendo e o que não está sendo dito. Em uma perspectiva da Análise de Discurso materialista, são mobilizadas noções como historicidade, memória discursiva, silenciamentos e esquecimentos, bem como os estudos acerca do discurso jornalístico. Essa análise é, ainda, permeada por uma discussão acerca da educação e da esperança na mídia, considerando as desigualdades de acesso a condições dignas de estudo e a tecnologias, o que inclui uma reflexão sobre a romantização da precariedade na educação. Dessa forma, podemos perceber, com base no *corpus* analisado, o quanto o discurso jornalístico, para muito além de uma ideia de neutralidade, é, como qualquer outro discurso, atravessado/constituído pelo processo sócio-histórico e afetado pela ideologia e pelo inconsciente. Percebe-se também como os silenciamentos e apagamentos trabalham na produção de sentidos e, como isso, como um olhar discursivo pode desnaturalizar esses sentidos, levar a pensar esse discurso fora da obviedade, compreendendo-o em relação com a exterioridade da língua, isto é, pensando os níveis linguístico, discursivo e sócio-histórico. Palavras-chave: Análise de Discurso. Discurso Jornalístico. Educação.

A “Esperança” é o ser de pluma
Que pousa em nossa alma –
E solta um canto sem palavras –
E não para – jamais –

E ao vendaval – fala mais doce –
E é o temporal mais crespo
Que há de calar o Passarinho

1 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), na linha Texto e Discurso, com bolsa Capes/Prosc. Mestre em Ciências da Linguagem (PPGCL/Unisul). Licenciado em Letras - Inglês pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Graduando em Letras - Português na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Participa dos grupos de pesquisa “Produção e Divulgação de Conhecimento” e “GEPOMI - Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos”.

Que há tantos aqueceu –

Ouvi-o nas mais frias terras –
Nos mares mais estranhos –
Mas nunca, na maior Miséria
Me pediu – do meu pão.

Emily Dickinson

Introdução

Se “o *sentido* de uma palavra ‘não existe em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas pelo contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico” (PÊCHEUX, 1995, p. 160), podemos refletir acerca do processo discursivo que determina os sentidos da palavra “esperança”.

Pensando nessas determinações e em como essa palavra produz diferentes sentidos em diferentes condições, a ponto de muitas vezes haver um julgamento de deturpação em torno desses, propomos olhar para a substantiva definição de Dickinson (2011). Para ela, a esperança é um ser. É um pássaro. É vida. Pousa e, portanto, voa. Canta mesmo sem palavras e se faz presente nos tempos mais difíceis, sem nada pedir. Esse sentido, e qualquer outro, é, portanto, de acordo com o que lemos em Pêcheux (1995), metafórico e ideológico.

Neste trabalho, pretendemos analisar recortes de uma reportagem na qual a “esperança” ocupa um lugar importante. Por isso podemos já pensar nessa palavra marcar esse funcionamento dos sentidos, que nem é automático nem é neutro. A reportagem exibida no fim do programa Fantástico (2021), da Rede Globo, está disponível no *site Globoplay* sob o título “Jovem sobe no alto de árvore para melhorar sinal de internet e assistir aulas no Pará”.

Com base na Análise do Discurso materialista, o objetivo deste

trabalho é analisar o processo discursivo em funcionamento na matéria em questão, e, deste modo, refletir sobre quais sentidos são produzidos/determinados, sobre o que está sendo dito e sobre o que não está sendo dito.

A mídia e o processo discursivo

Ao olhar para um produto midiático, devemos considerar, como explicam Derner, Flores e Neckel (2021), que, no jogo midiático, acontecem apagamentos, criam-se visibilidades e invisibilidades, e, com isso, lutas e existências são minimizadas.

Além disso, devemos considerar também, conforme Mariani (1998), que a mídia, incluindo a imprensa, atua sobre as tomadas de decisões políticas, e que a própria mídia já reconhece possuir um lado interpretativo, que a incompatibiliza com a visão de um veículo neutro e imparcial. Em outras palavras, não estamos tomando a reportagem em questão como fruto de um lugar fora do nível ideológico ou do nível político, já que, na perspectiva discursiva, pensamos a noção de ideologia como constitutiva, e, desse modo, o político está sempre em funcionamento no discurso. Acerca dessa questão, Mariani (1998, p. 59) ainda ressalta que

[...] sem dúvida, está cada vez mais em evidência esse aspecto do entrelaçamento entre os eventos políticos e a notícia: a imprensa tanto pode lançar direções a partir do relato de determinado fato como pode perceber tendências de opiniões ainda tênues e dar-lhes visibilidade, tornando-as eventos-notícias.

Falando de direcionamentos e apagamentos, deve-se considerar, como explica Mariani (1999), que a completude de relato da história não é algo possível, e que, portanto, as ocultações não necessariamente possuem intenções de má-fé. Porém, com base no que se mostra e do que se oculta,

podemos entender que o discurso jornalístico é “constitutivo e constituído por confrontos históricos nem sempre visíveis para os leitores e, às vezes, nem mesmo para a própria imprensa” (MARIANI, 1999, p. 111).

Segundo Orlandi (2013), o silêncio atravessa as palavras, e “entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move” (ORLANDI, 2013, p. 85). Com essa afirmação, Orlandi retoma uma ideia desenvolvida em outra obra:

O silêncio não é diretamente observável e, no entanto, ele não é o vazio, mesmo do ponto de vista da percepção: nós o sentimos, ele está “lá” (no sorriso da Gioconda, no amarelo do Van Gogh, nas grandes extensões, nas pausas). Para torná-lo visível, é preciso observá-lo *indiretamente* por métodos (discursivos) históricos, críticos, desconstrutivistas. (ORLANDI, 2007, p. 45).

Voltando à questão trazida por Mariani (1999), da relação dos confrontos históricos, Ferreira (2021, p. 54) concorda com o ponto de vista desenvolvido pela autora ao afirmar que “a relação entre linguístico e discursivo não é, pois, instrumental ou circunstancial, mas constitutiva e historicamente determinada. Relação do sistema, relativamente autônomo, da base material, ao processo sócio histórico, lugar da produção dos efeitos de sentido”.

Desse modo, para a Análise de Discurso (AD), conforme explica Orlandi (2013), o mais importante não são os conteúdos da história nos textos, mas como estes textos são tomados como discursos, isto é, trabalha-se

[...] em uma região menos visível, menos óbvia e menos demonstrável, mas igualmente relevante, que é a da materialidade histórica da linguagem. O texto, referido à discursividade, é o vestígio mais importante dessa materialidade, funcionando como unidade de análise. Unidade que se estabelece, pela

historicidade, como unidade de sentido em relação à situação. (ORLANDI, 2013, p. 68-69).

Isso não quer dizer, como explica Orlandi (2013), que não exista uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto, ou seja, com a trama de sentidos nele. Essa ligação existe, porém ela não funciona como uma relação de causa e efeito, não é direta nem automática.

Além disso, devemos considerar que, segundo Pêcheux (1995), o processo discursivo se dá em relações de substituições, paráfrases, sinônimas, dentre outros elementos linguísticos e discursivos. Nesse processo, considerando a ordem do discursivo e do simbólico, podemos lembrar, como explica o autor, que as imagens são operadores de memórias sociais, quer dizer, no interior delas há um percurso inscrito em outro lugar. Nesse sentido, servimo-nos da noção de memória discursiva, “que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os ‘implícitos’” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Acerca disso, pode-se acrescentar que, como explica Orlandi (2013), a linguagem se sustenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos: “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 2013, p. 36).

Para a autora, o homem está sempre retornando ao mesmo, e porque o real da língua é sujeito a falha, há movimento possível, rupturas e transformações. Essa tensão atesta o confronto entre o simbólico e o político (ORLANDI, 2013).

Com base nos pressupostos citados, como o da não neutralidade da mídia, dos jogos de visibilidade e invisibilidade, da historicidade e da constituição histórica do linguístico e do discursivo, que tomamos esta análise, considerando também as relações de manutenção e transformação do dizer, os processos parafrásticos e polissêmicos, a memória discursiva

etc.

Sombra e esperança: pensando na produção de sentidos

Naquele domingo de pandemia, dia 21 de março de 2021, quando o próprio Fantástico anunciava que 1259 brasileiros morreram de covid-19 em 24 horas, no fim do programa, a última matéria falava, como já dito, de esperança. Esperança de um estudante em poder estudar, mas também esperança nesse jovem estudante; esperança na educação; esperança no futuro e no país.

“Em meio à vegetação da maior floresta tropical do planeta, está ela, oferecendo sombra e esperança”. Com essa frase inicia a matéria, enquanto a imagem aérea mostra a floresta e depois vai aproximando-se de uma árvore específica, uma mangueira.

E falando de esperança e educação, podemos lembrar de Freire (1997), na sua obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, que diz:

Não sou esperançoso por pura teimosia mas por imperativo existencial e histórico. Não quero dizer, porém que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim, convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 1997, p. 1).

Conforme explica a reportagem, Artur mora em Alenquer, no Pará, e é estudante do primeiro ano do ensino médio na rede pública. Com

a pandemia, ele, como muitos outros estudantes no Brasil e no mundo, precisou se afastar da escola e estudar de casa. No entanto, não havia sinal de internet ou celular na casa do estudante de 15 anos. No entanto, embaixo de uma mangueira, Artur e os irmãos perceberam que havia rede de celular e de internet. Depois, eles perceberam que, em cima da árvore, o sinal era melhor, e que quanto mais subiam, melhor ele ficava. A partir daí, eles construíram uma escada, um banquinho e um suporte para celular, e Artur passou a acompanhar as aulas, que eram *on-line*, de cima da árvore.

Figura 1 – Artur estudando sobre a árvore.



Fonte: Captura de Imagem realizada pelo autor no site Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9369298/>. Acesso em: 22 maio 2022.

Esse ato de subir em uma árvore traz consigo algumas memórias. Na literatura, João, do conto de fadas “João e o Pé de Feijão”, que é um menino pobre e mora bem longe da cidade, sobe em uma árvore (figura 2) e, então, consegue acessar um outro mundo, de onde obtém comida e outros itens, e assim pode matar sua fome e a fome de sua mãe. Na Bíblia, Zaqueu, um homem rico, sobe em uma árvore para ver Jesus (figura 3) e consegue entrar em contato com Cristo. Transformado pelo encontro, ele se arrepende de seus pecados e doa metade de seus bens aos pobres. Esses dois personagens podem ser vistos nas figuras 2 e 3:

Figura 2 – João e o Pé de Feijão, obra de Jessie-Willcox-Smith.



Fonte: Captura de Imagem realizada pelo autor no site contesdefees.com. Disponível em: <https://contesdefees.com/conte/jaques-et-le-haricot-magique/>. Acesso em: 31 maio 2022.

Figura 3 – Zaqueu sobre a árvore, obra de William Brassey Hole.



Fonte: Captura de Imagem realizada pelo autor no site wikigallery.org. Disponível em: https://www.wikigallery.org/wiki/painting_198816/William-Brassey-Hole/Jesus-summoning-Zacchaeus-the-publican-to-entertain-him-at-his-house. Acesso em: 31 maio 2022.

Desse modo, podemos lembrar de quando Pêcheux (1999) explica as imagens como operadoras de memórias sociais. Segundo o autor, há uma repetição, uma regularidade que invoca pré-construídos.¹ Também

1 Henry (2013, n. p.) explica que a noção de pré-construído(s) parte da ideia de que “o que se diz, o que se escuta, é sempre atravessado por algo que já foi dito, atravessado por um dito anterior. [...] O discurso não funciona de modo isolado, ele está sempre ligado a outros discursos que se convocam, que são convocados por sua letra, sua materialidade”.

podemos mobilizar a noção de imagem prototípica de Lagazzi (2015), pois há um *já-visto*, que faz da cena uma tentativa de domesticação da interpretação.

Se pensamos na impossibilidade da neutralidade do discurso jornalístico (ou de qualquer outro), com essa imagem podemos perceber que o próprio enquadramento, como explica Lunkes (2015, p. 81), “é da ordem do político, ou seja, trata-se de uma tomada de posição para a administração de certos sentidos”, e podemos pensar que é essa tomada de posição que permite que a cena seja uma imagem prototípica.

Ao olhar assim, parafrasticamente, vimos que o que surge como dado, como óbvio, e até como neutro, na verdade, é também produto de um processo discursivo. Como explica Pêcheux (1995), pelas vias da Análise de Discurso, podemos olhar em relação a uma exterioridade, a pontos de deriva possíveis que possibilitam a interpretação.

O traço da relação da língua com a exterioridade, para Orlandi (2013), é que não existe discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. A ideologia, portanto, é “função da relação necessária entre linguagem e mundo” (ORLANDI, 2013, p. 47).

Com isso, podemos dizer que essa paráfrase da matéria com relação ao discurso literário e ao discurso religioso permite que olhemos precisamente para a discursividade da imagem de Artur, pois marca essa relação com a exterioridade: ele está sozinho, sobre uma árvore, e assim estando, ele consegue acessar algo que antes não conseguia. Por isso, mostrá-lo dessa forma, na árvore, sozinho, acessando a internet, cria uma narrativa heroica. Isto é, podemos dizer que “a imagem se abre para a interpretação a partir das determinações históricas em que as formulações visuais se produzem e circulam. A memória discursiva intervém sobre a formulação visual nesse jogo de remissão do intra ao interdiscurso” (LAGAZZI, 2021, p. 5893).

A imagem pode ser pensada, conforme Lagazzi (2021), como

uma tecnologia política da linguagem, pois possui um poder de captura simbólica, o que marca o seu lugar como dispositivo ideológico. Para a autora, “falar da captura simbólica do sujeito pela imagem e dos processos ideológicos de identificação aí envolvidos é estabelecer, pelo olhar, uma relação ímpar com a produção de sentidos” (LAGAZZI, 2021, p. 5892).

A palavra “tecnologia” ajuda nesse movimento de desnaturalização, pois carrega o sentido de que há um trabalho dos sujeitos, que são políticos. Conforme podemos compreender de sua definição encontrada no dicionário *Michaelis* (2022, n. p.) para tecnologia: “conjunto de processos, métodos, técnicas e ferramentas relativos à arte, indústria, educação etc.”

Além dessa tomada de imagem da figura 1, que pensamos nessa relação com a figura 2 e com a figura 3, algumas frases da reportagem também são pródigas em construir uma narrativa de heroísmo e esperança.

Em determinado momento, a reportagem ouve um professor de Artur que diz que naquela cidade é difícil acessar a internet, mesmo na área urbana, quanto mais na área rural. Então, é dada a informação de que dos mais de 16 mil estudantes da rede pública de Alenquer, mil e trezentos vivem na área rural. A reportagem segue:

Sequência Discursiva 1 (SD1):

Professor: Ele fez daquela árvore a sua sala de aula. E isso mudou completamente o estilo de estudo dele. Na minha disciplina, nessa primeira atividade desse ano, ele já tirou todas as... ele acertou todas as questões.

Repórter: O Artur também ajuda o pai na lavoura, mas só na parte da tarde. As manhãs são sagradas em cima da árvore.

Para que o estudante tivesse reconhecimento, não bastava ser esforçado, interessado ou sonhar em fazer faculdade. Foi preciso frisar que

ele acertou todas as questões de determinada disciplina. “Acertar”, como quem acerta um alvo, ir em um lugar já pré-determinado².

Também foi preciso dizer que Artur não passa o dia todo estudando, pois ele ajuda o pai na lavoura: “ele ajuda o pai, *mas só* na parte da tarde”.

Esse fragmento “mas só” indica duas questões que se interrelacionam. Primeiro, o *mas*, como conjunção adversativa, indica que o natural seria ele ajudar na lavoura o dia todo – e não estudar, *mas* não é isso que acontece. Segundo, o *só*, como um advérbio de exclusão, indica que o tempo ajudando na lavoura é pouco, pois exclui todo o restante do dia, isto é, ele ajuda na lavoura *só* de tarde.

No quadro abaixo, essas questões podem ser mais bem observadas. Na esquerda, sem a conjunção e sem o advérbio (sublinhado), e, na direita, a frase dita pela repórter (na primeira linha), seguida de possíveis derivações (em itálico), utilizando-se outras conjunções adversativas e outros advérbios de exclusão.

Quadro 1 – Formulações possíveis a partir da frase da SD1.

Ele ajuda o pai na <u>parte da tarde.</u>	Ele ajuda o pai, mas só na parte da tarde.
	<i>Ele ajuda o pai, entretanto somente na parte da tarde.</i>
	<i>Ele ajuda o pai, porém exclusivamente na parte da tarde.</i>
	<i>Ele ajuda o pai, no entanto apenas na parte da tarde.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observemos que o “dever” em relação ao trabalho surge em primeiro lugar. É desse dever com o trabalho que em seguida o ato de estudar emerge heroicamente, comprimindo-o, ao contrário do esperado, em um único período do dia: 1º: *O Artur também ajuda o pai na lavoura, mas só na parte da tarde.* 2º: *As manhãs são sagradas em cima da árvore.*

2 Algumas definições para “acertar” no dicionário *Michaelis*: atingir o alvo; corrigir; condizer; pôr em harmonia etc.

Também podemos colocar outros dizeres em relação a esses no quadro 1. Por exemplo: “*ele estuda de manhã e ainda ajuda o pai na parte da tarde*”; ou “*além de estudar de manhã, ele ajuda o pai na parte da tarde*”. “Ainda” e “além de” fazem com que se produzam sentidos diferentes daqueles produzidos pelas frases no quadro 1.

Aliás, deve-se observar que nesses casos, a ausência da conjunção adversativa (mas) e a substituição do advérbio de exclusão (só) por advérbios de inclusão (ainda, além de) chamam a atenção para outro elemento da frase analisada: a oposição entre *o ajudar o pai e estudar*. E daí poderíamos pensar em adicionar mais uma linha no quadro 1: “*Ele trabalha, mas só na parte da tarde*”. Em outras palavras, opõe-se o trabalho braçal (na lavoura) e o trabalho intelectual (de estudar) em uma disputa pelo sentido de trabalho.

Essa disputa que se instaura na oposição entre o trabalho intelectual e o trabalho braçal é uma marca da historicidade que constitui o linguístico e o discursivo, como visto em Orlandi (2013) e Ferreira (2021), isto é, o trabalho na lavoura surge para dignificar Artur, como se “só” a rotina de estudos não fosse suficiente.

Ao mesmo tempo que observamos esses fatores que levam à criação de uma imagem de herói para Artur, podemos nos perguntar se foram esses mesmos fatores que levaram ao apagamento, na reportagem, dos irmãos de Artur, que foram citados, mas não aparecem. Eles não estudam? Eles não acertam todas as questões na escola? Ou, eles não ajudam o pai na lavoura? O mesmo podemos perguntar acerca da grande massa de estudantes que não subiu na árvore e que o Estado tem o dever de garantir acesso à educação como prevê a Constituição.

Ainda sobre a SD1, deve-se observar que, na sequência, a repórter poderia dizer que ele estuda todas as manhãs, que ele não perde sequer uma aula, que ele é muito responsável e assíduo, mas ela disse que “as manhãs são sagradas”.

Sabe-se que ela está falando de responsabilidade e assiduidade, e não de que a manhã é uma entidade religiosa, sacra. Como nos explica Pêcheux (1995, p. 263), “o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora [...], das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório.”

A partir disso, também se pode pensar nos esquecimentos explicados por Pêcheux (1995). Como já dito, a repórter poderia falar de outras formas, selecionar outros sentidos, mas quando seleciona um sentido no interior da formação discursiva, outros são esquecidos (esquecimento número 2); ao mesmo tempo, o exterior que determina a formação discursiva é recalcado pelo inconsciente e o sujeito, o que faz parecer que ele é quem está na origem do dizer (esquecimento número 1).

Ao mostrar o caso de Artur, que supera exemplarmente as adversidades para estudar, a reportagem faz parecer que todos também podem superar. É importante dizer que apenas 23,3% dos estudantes moradores de áreas rurais do Brasil têm internet e computador em casa. Nas áreas urbanas, o número é melhor, mas ainda não é bom: 56%. Portanto, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há muita desigualdade no acesso à internet e às tecnologias, sendo os estudantes das áreas rurais, pretos e pardos, e cujas mães não concluíram o ensino fundamental, aqueles que possuem as piores condições (BRASIL, 2021).

Voltemos à frase de Freire (1997, p. 1): “o peixe necessita da água despoluída”. Quer dizer, alguns peixes podem até sobreviver à poluição das águas, mas não podemos esperar que todos sobrevivam. Da mesma forma, não podemos esperar que todos consigam driblar as desigualdades e dificuldades de acesso à educação. E, portanto, casos isolados não podem servir para justificar a poluição das águas ou o descaso com a educação pública e com o acesso à internet e às tecnologias.

Desse modo, mais do que contar com a sorte de encontrar internet sobre uma árvore, é preciso falar em políticas públicas voltadas ao acesso

à internet, às tecnologias, e, portanto, à educação, pois, quando falamos em sorte aliada a uma busca resultante de uma grande vontade de um sujeito, poderíamos nos perguntar se se trata, de fato, de esperança ou, pelo contrário, de desesperança.

No entanto, há, como explicam Derner, Flores e Neckel (2021), apagamentos, jogos de visibilidade e invisibilidade funcionando na reportagem. Há um apagamento coletivo em detrimento da visibilidade que é dada a um único sujeito.

Esse apagamento faz com que não se fale de políticas públicas ou do Programa Nacional de Banda Larga (PNBL), por exemplo. Conforme registra Rodrigues (2016), no dia 9 de maio de 2016, a presidenta Dilma homologou a criação do Programa Brasil Inteligente, que visava aumentar a cobertura de banda larga nas áreas urbanas e rurais e seria uma nova fase do PNBL. No dia 12 do mesmo mês, ela foi afastada do cargo. Iniciava-se um desmonte, não somente na educação, mas em todos os instrumentos de diminuição de desigualdades.

Costa e Gallo (2020) afirmam que, embora o PNBL não tenha sido exatamente um sucesso, já que seu objetivo foi desvirtuado na medida em que se tornou dependente de empresas privadas, ele demonstrava uma preocupação do Estado brasileiro “fazer com que seu território seja dotado de uma rede informacional mais difusa e eficiente” (COSTA; GALLO, 2020, p. 55).

Os autores explicam que a prática neoliberal que consiste na captura por parte das empresas em relação à capacidade dos Estados de fazer políticas públicas, junto a políticas de austeridades, é uma grande barreira aos instrumentos de diminuição de desigualdades. Para eles, a ganância do poder privado engole esses instrumentos com uma fome que só aumenta, haja vista que a austeridade proposta por Rousseff-Levy não foi suficiente, então há grandes e sucessivos recrudescimentos: Temer-Meirelles e

Bolsonaro-Guedes³ (COSTA; GALLO, 2020).

Olhar para esse contexto nos ajuda a perceber como esses apagamentos e silenciamentos fazem da reportagem uma romantização da desigualdade e, com isso, como ela acaba servindo a uma falsa ideia de meritocracia, ou seja, que todos conseguem driblar dificuldades, que basta querer, ou que basta ter *esperança*. Como explica Flores (2022), na espetacularização da notícia, o sujeito é responsabilizado pela sua condição e, dessa forma, forja-se o discurso da superação.

É justamente nessa discursivização que Artur é um herói. O modo como os sentidos são formulados leva a essa ideia de meritocracia na qual todos podem conseguir estudar se “quiserem”, se tiverem “força de vontade” o suficiente, e fica pré-construído que muitos não têm essa “força de vontade”. Porém, em um lugar muito distante, Artur consegue, e, se ele consegue, mesmo tendo que subir em uma árvore e ajudar o pai na lavoura, quem poderá se queixar de não conseguir? Quem encontrará “desculpas” maiores do que as que Artur poderia usar, mas não usa? Toda responsabilidade recai sobre o sujeito: quem não conseguir, é porque não quer.

Com isso, podemos lembrar de Orlandi (2013, p. 83), quando afirma que “o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva”, isto é, o dizer é sustentado por presença e por ausência. Nessa reportagem, portanto, é possível observar que o *silêncio fundador* está funcionando, como um “recoo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido. [...] Silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro” (ORLANDI, 2013, p. 83).

Por fim, voltando a pensar na “esperança”, que atravessou esta análise, percebe-se que esse processo discursivo – permeado e constituído

3 Dilma Rousseff e Joaquim Levy, Michel Temer e Henrique Meirelles e Jair Bolsonaro e Paulo Guedes – presidentes e seus ministros da Fazenda/Economia.

por silenciamentos e sustentado em presenças e em ausências – faz com que essa palavra tenha um sentido voltado ao nível empírico do sujeito, ou seja, para um nível individualizado. Tal qual a sombra, a esperança faz (determinado) sentido lá, embaixo ou em cima da árvore. Mas, quando a história de Artur é pensada em relação a um contexto amplo de desigualdades, de estudantes deixados à própria sorte, surgem sentidos que, como já dito, demandam uma outra materialidade.

Considerações finais

Filiando-nos na Análise de Discurso materialista, sabemos que o sujeito é afetado pela ideologia e pelo inconsciente, estando sempre em uma relação com esquecimentos, como explica Pêcheux (1995). Além disso, tratando aqui do discurso jornalístico, considera-se que, para o jogo midiático acontecer, é necessário que ocorram apagamentos, já que a completude não é algo possível (DERNER; FLORES; NECKEL, 2021; MARIANI, 1999). Por isso, pensou-se, ao buscar analisar o processo discursivo, em refletir sobre os sentidos, sobre o dito e sobre o não dito, isto é, considerar também os apagamentos e silenciamentos que, por fim, ancoramos na noção de silêncio constitutivo explicado por Orlandi (2013).

Partindo dessas noções, pode-se compreender que, ao formular de determinado modo, a reportagem está sob determinações que vão muito além de um nível estrategista do dizer. Superficialmente se poderia dizer que se cria intencionalmente uma narrativa heroica para o estudante. No entanto, percebemos que o processo discursivo que determina os dizeres e os sentidos é muito mais complexo e está relacionado com diversas questões, incluindo ideologia, inconsciente, esquecimentos, silenciamentos *etc.*

Desse modo, também podemos perceber o quanto a mídia, ao silenciar e ao romantizar, deixa de propor um debate mais profundo, de questionar as desigualdades e os problemas que envolvem a educação no

Brasil. Essa falta de criticidade é amparada por pré-construídos e sentidos que são naturalizados, como os relacionados com a meritocracia, com o trabalho, com a precariedade das condições de estudo etc.

Entender o processo discursivo, que foi o objetivo desta análise, permitiu, portanto, pensar esses sentidos fora da obviedade, para além de uma superfície de suposta neutralidade e estabilidade, e, assim, expor um lado interpretativo, com as marcas da historicidade, com os confrontos históricos que atravessam e constituem o discurso jornalístico.

Referências

BRASIL. Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira. Rio de Janeiro: *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* – IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101892.pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.

COSTA, Bruno Moreira Riani; GALLO, Fabrício. Inflexão do Programa Nacional de Banda Larga (PNBL) e aprofundamento das desigualdades socioespaciais no Brasil. *Formação* (Online), v. 27, n. 51, p. 33-64, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/6882/5768>. Acesso em: 01 jun. 2022.

DERNER, Ariane Costa; FLORES, Giovanna Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi. Olhares sobre o feminicídio: registros do/no cinema e audiovisual, In: GARCIA, Dantielli Assumpção; LUNKES, Fernanda Luzia (org.). *Mulheres e...* Uberlândia: Navegando Publicações, p. 275-288, 2021. DICKINSON, Emily. A “Esperança” é o ser de pluma. Tradução de José Lira. In: LIRA, José. *Emily Dickinson: A Branca Voz da Solidão*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

FANTÁSTICO. *Jovem sobe no alto de árvore para melhorar sinal de internet e assistir aulas no Pará*. 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9369298/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambiguidade ao equívoco: A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2021.

FLORES, Giovanna Benedetto. Entre ossos e restos: uma imposição do discurso neoliberal no Brasil desgovernado. In: DELA-SILVA, Silmara; LUNKES, Fernanda Luzia (org.). *Mídia e(m) discurso: percursos de pesquisa*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HENRY, Paul. O discurso não funciona de modo isolado. In: NUNES, José Horta. *Jornal da Unicamp*. 2013. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/o-discurso-nao-funciona-de-modo-isolado>. Acesso em: 17 mar. 2023.

LAGAZZI, Suzy. A imagem em sua potência de captura simbólica. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 18, p. 5890-5902, jul., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e79657>. Acesso em: 15 jun. 2022.

LAGAZZI, Suzy. Paráfrases da Imagem e Cenas Prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: FLORES, Giovanna; NECKEL, Nádia; GALLO, Solange (org.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. 1 ed. Campinas: Pontes, 2015, v. 1. p. 177-189.

LUNKES, Fenanda Luzia. O gesto político do enquadramento no discurso jornalístico. In: Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito, 3., 2015, Niterói. *Anais [...]*. Niterói: UFF, 2015. p. 77-82. Disponível em: <http://www.las.uff.br/periodicos/index.php/seminariointerno/article/view/48/44>. Acesso em 21 jun. 2022.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-*

1989. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *Sobre um percurso de análise do*

discurso Jornalístico – A revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra & Luzzatto, 1999.

ACERTAR. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S. l.]: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/7m5e/acertar/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* (Org.). *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

RODRIGUES, Alex. Antes de ser afastada, Dilma cria programa de acesso à internet: A presidenta também editou decretos que criam parques e florestas. *Agência Brasil*, Brasília, DF, 12 maio 2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2016-05/dilma-cria-unidades-de-conservacao-e-programa-de-universalizacao-da>. Acesso em: 30 maio 2022.

From hope to hopelessness: a discursive analysis of a report of Fantástico

Abstract: The objective of this work is to analyze the discursive process at work in a report of the TV program Fantástico, and, in this way, reflect on which meanings are produced/determined, on what is being said and what is not being said. From a materialist Discourse Analysis perspective, notions such as historicity, discursive memory, silencing and forgetting are mobilized, as well as studies about journalistic discourse. This analysis is also permeated by a discussion about education and hope in the media, considering the

inequalities of access to worthy study conditions and technologies, which includes a reflection on the romanticization of precariousness in education. Thus, based on the analyzed corpus, we can see how much journalistic discourse, far beyond an idea of neutrality, is, like any other discourse, crossed/constituted by the socio-historical process and affected by ideology and unconscious. It is also perceived how the silencing and erasures work in the production of meanings and, as a result, how a discursive look can denaturalize these meanings, lead to thinking about this discourse outside the obvious, understanding it in relation to the exteriority of the language, that is, thinking at the linguistic, discursive and socio-historical levels.

Keywords: Discourse Analysis. Journalistic Discourse. Education.